

Raul Brandão

*Os Pobres*

romance

## Índice

Carta-Prefácio .....	4
O enxurro .....	24
O Gebo .....	31
As mulheres .....	37
O Gabiru .....	48
História do Gebo .....	58
Filosofia do Gabiru .....	67
Primavera .....	71
Memórias de Luísa .....	82
História do Gebo .....	93
Luísa e o morto .....	101
Filosofia do Gabiru .....	107
Essa rapariguinha .....	112
O escárnio .....	121
Fala .....	131
O que é a vida?.....	135
História do Gebu .....	151
O Gabiru treslê .....	157
A Mouca .....	162
A outra primavera .....	167
A Morte .....	174
A filosofia do Gabiru .....	179
A Árvore .....	185
O ladrão e a filha .....	192
Natal dos pobres .....	198
Aí têm os senhores a natureza .....	213

## Carta-Prefácio

*Meu bom amigo:*

O seu livro é a história patética de uma alma. Qual? A do Gebo, a de Luísa, a de Sofia, a da Mouca, a dos *Pobres* enfim? Não. A sua. Histórias diversas, que se resumem numa história única: a da sua alma, transitando almas, a da sua vida, percorrendo vidas. Autobiografia espiritual, dilacerada e furiosa, demoníaca e santa, blasfemadora e divina. Confissão verdadeira, plena, absoluta de um organismo que sente a música misteriosa do universo, de um coração que repercute a dor eterna da natureza, mas que só ao cabo de oscilações, dúvidas e desânimos, coordena a idealidade do ser com as aparências do ser, o espírito com as formas, o Deus – amor e beatitude, com a matéria –, crime e sofrimento.

Não vejo diante de mim um poema estéril, obra dos sentidos, da imaginação e da volúpia. Vejo um acto profundo, espontâneo, de imensidade religiosa, O homem que se confessa abala-me e deslumbra-me. Não a confissão mentirosa, a confissão vulgar, da boca que tem dentes, para o ouvido que tem sombras. Não a confissão-análise, a confissão de críticos, rol de inteligência, catálogo de ideias. Mas a esplêndida confissão das almas vertiginosas, desagregando-se,

transidas de eternidade e mistério. Como o fogo devorador dissocia o rochedo, há lavaredas ignotas que dissociam as almas. E, se tais almas se desdobram, a natureza denuncia-se. O homem é um resumo ideal da natureza. Andou o infinito, e lembra-se; andará o infinito, e já o sonha. Quando o génio explui, conta-nos a natureza a sua história. O génio supremo é o santo. O verbo do santo, eis a língua clara do universo.

As confissões augustas são as dos poetas e dos santos. No homem vulgar a personalidade rígida encarcera e coalha as personalidades voláteis e difusas. O inconsciente imenso não acorda, porque está, como um aroma, dentro de um bloco duro, impenetrável. É o sonho cativo num ovo hermético de bronze. As almas emotivas dos grandes visionários, essas conservam aquela graça radiante, aquela omnipresença espiritual, que as deixa embeber, mover, existir na fraternidade cósmica e divina. O sonhador dos *Pobres* é um evocador atormentado e religioso. Busquei no seu livro a imagem ardente da sua alma. Vamos ver se a desenho com rapidez e precisão.

Alma vibrátil e fugaz, olhando a natureza, o que sentiu? Assombro, esplendor, pavor, enigma, deslumbramento. Tudo vive, deseja, estremece, palpita, murmura e sonha. Tudo vive, tudo vive: o homem, a fera, a rocha, o lodo, a água, o ar, braseiros de mundos, aluviões de nebulosas, incorporeidade genética do éter. Fervidoiro de vidas insondável, que o tempo não esgota,

porque a morte criadora continuamente o desorganiza e reproduz em formas novas e diversas. E todas se cruzam, beijam, penetram, correspondem. É uma teia vertiginosa de fios sem fim, de fios móveis, ondeantes, cambiantes, urdindo-se ela mesma, na eternidade impenetrável, sem ninguém ver o tecelão. Rigidez, solidez, inércia, não existem. Na fraga mais dura, no bronze mais compacto circulam desejos, dramas, turbilhões de moléculas e vontades. As cordilheiras inabaláveis são redemoinhos dentro de enxovias. O concreto dilui-se, o material evapora-se. O sol tombando, aniquilaria cardumes de planetas, e a luz do sol, que é sol volatilizado, pesa menos que uma folha de rosa na mão duma criança. Em cada bloco metálico latejam oceanos dormentes, de vagas fluidas, invisíveis. Acordem-nos, e o bloco obtuso, electrizado, irradia no éter. Vede um penedo monstruoso: parece firme. Desagregou-se, e é lama; a raiz tocou-lhe, e é seiva; a seiva gerou, e é flor e é fruto; o fruto, alimento; o alimento sangue; e o sangue vermelho, corpo que caminha, carne que fala, cérebro que pensa. Natureza! universo!... Vidas infindáveis eternamente circulando numa vida única. Assombro, esplendor, pavor, deslumbramento! O homem vacila, desmaia, quer equilibrar-se... mas onde, se não há terra em que poise, nem muro a que se encoste?! Tudo impalpável, fugaz, incerto, ilusório, ilimitado... tudo vida, tudo sonho, tudo voragem... Se baixa os olhos do imenso ao grão de areia, o grão de areia, infinitésimo, resolve-se-lhe em vidas

infinitas. Quer contemple o universo, quer examine um corpúsculo, a alma engolfa-se estonteada, no mesmo abismo devorador e criador.

Abismo de aparências ocultas, abismo de vozes que se não ouvem. A natureza taciturna exprime-se magicamente, em línguas vagas, silenciosas. E quando num pouco de cisco murmuram mais vontades do que bocas humanas há na terra, o que não dirá o colóquio formidando de todas as vontades do universo! Tem cada organismo a sua língua peculiar. Os que vivem mais próximos entendem-se melhor. O ar segreda à água, a raiz ao lodo, a luz à folha, o pólen ao ovário. Há fluidos que se casam, raízes que se querem bem. O oxigénio é íntimo do ferro, o azougue é íntimo do ouro. Os orbes fraternizam, os metais amalgamam-se, e as electricidades sexuadas buscam-se avidamente, para copular!

Matéria infinita – forças infinitas, infinitamente caminhando. E no pélagos vertiginoso da mobilidade universal é cada átomo invisível um desejo que nasce, um desejo que sente, um desejo que fala...

O léxico sem princípio nem fim, das vozes mudas do incriado, das línguas tácitas da natureza, alguém o ouviu que se recorde? Alguém: o homem. O homem, crisálida do anjo, foi monstro e planta e verme e rocha e onda; foi nebulosa, foi gás impalpável, foi éter invisível. Articulou todas as línguas, e delas conserva, obscuramente, vagas memórias dormitando. Por isso os poetas adivinham, e raros com a intuição prodigiosa do

meu amigo.

Abreviando: a sua alma, diante do universo, reagiu por três formas ou em três fases emotivas. Estudei a primeira – *a emoção dinâmica*. O mundo resolve-se-lhe num jogo de forças, num conflito de vontades, brigando, casando-se, transfigurando-se em aparências rápidas, ilusórias. Tudo se move, tudo quer e tudo vive.

Mas o que é a vida? Chega à segunda fase. Desliza da emoção dinâmica à emoção moral. Depois de ver o mundo através dos sentidos, julga-o através da razão e da consciência.

O que é a vida?

A vida é o mal. A expressão última da vida terrestre é a vida humana, e a vida dos homens cifra-se numa batalha inexorável de apetites, num tumulto desordenado de egoísmos, que se entrecrocaram, rasgam, dilaceram. O Progresso, marca-o a distância que vai do salto do tigre, que é de dez metros, ao curso da bala, que é de vinte quilómetros. A fera, a dez passos, perturba-nos. O homem, a quatro léguas, enche-nos de terror. O homem é a fera dilatada.

Nunca os abismos das ondas pariram monstro equivalente ao navio de guerra, com as escamas de aço, os intestinos de bronze, o olhar de relâmpagos, e as bocas hiantes, pavorosas, rugindo metralha, mastigando lavaredas, vomitando morte.

A pata pré-histórica do atlantosauro esmagava o rochedo. As dinamites do químico estoiram montanhas,

como nozes. Se a presa do mastodonte escavacava um cedro, o canhão Krup rebenta baluartes e trincheiras. Uma víbora envenena um homem, mas um homem, sozinho, arrasa uma capital.

Os grandes monstros não chegam verdadeiramente na época secundária; aparecem na última, com o homem. Ao pé dum Napoleão um megalosauro é uma formiga. Os lobos da velha Europa trucidam algumas dúzias de viandantes, enquanto milhões e milhões de miseráveis caem de fome e de abandono, sacrificados à soberba dos príncipes, à mentira dos padres e à gula devoradora da burguesia cristã e democrática. O matadouro é a fórmula crua da sociedade em que vivemos. Uns nascem para reses, outros para verdugos. Uns jantam, outros são jantados. Há criaturas lóbregas, vestidas de trapos, minando montes, e criaturas esplêndidas, cobertas de oiro e de veludo, radiando ao sol. No cofre do banqueiro dormem pobreza metalizadas. Há homens que ceiam numa noite um bairro fúnebre de mendigos. Enfeitam gargantas de cortesãs rosários de esmeraldas e diamantes, bem mais sinistros e luxuosos que rosários de crânios ao peito de selvagens.

Vivem quadrúpedes em estrebarias de mármore, e agonizam párias em alfurjas infectas, roídos de vermes. A latrina de Vanderbilt custou aldeolas de miseráveis. E, visto os palácios devorarem pocilgas, todo o *boulevard* grandioso reclama um quartel, um cárcere e uma forca. O deus milhão não digere sem a guilhotina de sentinela.



Os homens repartem o globo, como os abutres o carneiro. Maior abutre, maior quinhão. Homens que têm impérios, e homens que não têm lar.

Os pés mimosos das princesas deslizam luzentes de ouro por alfombras, e os pés vagabundos calcam, sangrando, rochedos hirtos e matagais. Bebem champanhe alguns cavalos do *sport*, usam anéis de brilhantes alguns cães de regaço, e algumas criaturas, por falta duma côdea, acendem fogareiros para morrer. Bendito o óxido de carbono, que exala paz e esquecimento! E a natureza, insensível ao drama bárbaro do homem! Guerras, ódios, crimes, tiranias, hecatombes, desastres, iniquidades, deixam-na tão indiferente e inconsciente, como o rochedo imóvel, bulindo-lhe a asa duma vespa. O clamor atoador de todas as angústias não arranca um ai da imensidade inexorável. A aurora sorri com o mesmo esplendor aos campos de batalha ou ao berço infantil, e as ervas gulosas não distinguem a podridão de Locusta da podridão de Joana D'Arc. Reguem vergéis com sangue de Iscariote ou com sangue de Cristo, e os lírios inocentes (estranha inocência!) desabrocharão, igualmente cândidos e nevados.

A humanidade, enfim, é a vitória dos arrogantes sobre os humildes, dos fortes sobre os débeis, da besta sobre o anjo. E tendo de escolher entre vencidos e vencedores, entre o amor e o ódio, o mal e o bem, o riso e as lágrimas, o seu coração misericordioso de poeta inclinou-se espontaneamente para a Dor, como as

vergôntes para a luz.

A dor é o seu deleite. Busca-a, desejo febril! – por hospitais, por cadeias, por antros, por alcoices. Fareja-a de noite nos bairros leprosos, cloacas de humanidade, vazadouros de almas, onde crimes, virtudes, vícios, angústias, raivas, desesperos, fermentam promiscuamente, aglomerados e abandonados, como esterqueiras, como entulhos. Pesquisa dédalos caliginosos, cafurnas sem fundo, abismos hiantes, boqueirões de sombra. Explora desvãos, trapeiras, minas, covas, esconderijos. Louco de piedade, engolfa-se nas trevas mudas e soturnas, que gotejam sangue, nas roucas escuridões tumultuosas, pávidas de gemidos, cortadas de clamores, anavalhadas de blasfêmias.

E do âmago dessas noites insondáveis pululam turbas espectrais de crucificados, hordas de monstros, bandos de misérias, cardumes de abominações e de agonias. Ululam tropéis disformes e sangrentos, regougam fauces patibulares, choram, coroadas de úlceras, Madalenas lívidas, bocas de escárnio crocitam sem dentes e sem pudor, arquejam ralas estertorantes, gemem crianças vagabundas, tosem tísicos, ardem febres, luzem gangrenas e podridões... E tudo vago, indistinto, confuso, num rumor longo e subterrâneo. Não se destacam, não se desenham as formas. Olhos, bocas, gestos, relampeando na sombra... Nada mais. A sombra voraz esbate as linhas e os contornos. É o mundo caótico da miséria, que a noite pútrida gerou e a noite soturna

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

